

Bullying na adolescência e ansiedade: uma revisão integrativa

Wanderlei Abadio de Oliveira, Claudio Romualdo, André Luiz Monezi Andrade, Diene Monique Carlos, Marta Angélica Iossi Silva & Manoel Antônio dos Santos

Resumo

O *bullying* escolar é um problema que afeta a saúde mental dos estudantes. Esse estudo objetivou verificar a relação entre o envolvimento de adolescentes em situações de *bullying* e ansiedade. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura e se consultaram quatro bases de dados. Os dados foram analisados de forma descritiva e a qualidade metodológica dos estudos revisados foi aferida. O corpus da revisão foi composto por 15 artigos publicados entre 2017 e 2024. Os estudos revisados possuem força de evidência científica e baixo risco de viés, em sua maioria. Verificou-se que as raparigas e as vítimas de *bullying* são mais vulneráveis para o desenvolvimento de quadros de ansiedade. Estudantes que testemunham os comportamentos agressivos na escola também são afetados e possuem risco potencial de desenvolver sintomas de ansiedade. A contribuição original do estudo reside na particularização da questão da ansiedade em relação ao *bullying*, apresentando aspectos que poderão ser utilizados em programas de intervenção voltados para a saúde mental dos estudantes.

Palavras-chave:

Ansiedade; Saúde mental; Saúde escolar; Saúde do adolescente; Violência; *Bullying*.

Bullying in the adolescence and anxiety: an integrative review

Abstract: School bullying is a problem that affects the mental health of students. This study aimed to verify the relationship between adolescents' involvement in bullying situations and anxiety. An integrative literature review was conducted, consulting four databases. The data were analyzed descriptively, and the methodological quality of the reviewed studies was assessed. The review corpus comprised 15 articles published between 2017 and 2024. Most of the reviewed studies have strong scientific evidence and a low risk of bias. It was found that girls and bullying victims are more vulnerable to developing anxiety disorders. Students who witness aggressive behaviors at school are also affected and have a potential risk of developing anxiety symptoms. The original contribution of the study lies in the particularization of the issue of anxiety in relation to bullying, presenting aspects that can be used in intervention programs aimed at students' mental health.

Keywords: Anxiety; Mental health; School health; Adolescent health; Violence; Bullying.

Harcèlement scolaire à l'adolescence et anxiété : une revue intégrative

Résumé: Le harcèlement scolaire est un problème qui affecte la santé mentale des élèves. L'objectif de cette étude a été de vérifier la relation entre l'implication des adolescents dans des situations de harcèlement scolaire et l'anxiété. Une revue intégrative de la littérature a été réalisée en consultant quatre bases de données. Les données ont été analysées de manière descriptive et la qualité méthodologique des études examinées a été évaluée. Le corpus de la revue a été composé de 15 articles publiés entre 2017 et 2024. Les études examinées ont, pour la plupart, une forte preuve scientifique et un faible risque de biais. Il a été constaté que les filles et les victimes de harcèlement sont plus vulnérables au développement de troubles anxieux. Les élèves qui sont témoins de comportements agressifs à l'école sont également affectés et présentent un risque potentiel de développer des symptômes d'anxiété. La contribution originale de l'étude réside dans la particularisation de la question de l'anxiété en relation avec le harcèlement, présentant des aspects qui pourront être utilisés dans des programmes d'intervention axés sur la santé mentale des élèves.

Mots-clés: Anxiété ; Santé mentale ; Santé scolaire ; Santé de l'adolescent ; Violence ; Harcèlement.

Acoso escolar en la adolescencia y ansiedad: una revisión integradora

Resumen: El acoso escolar es un problema que afecta la salud mental de los estudiantes. Este estudio tuvo como objetivo verificar la relación entre la participación de los adolescentes en situaciones de acoso escolar y la ansiedad. Se realizó una revisión integradora de la literatura y se consultaron cuatro bases de datos. Los datos fueron analizados de forma descriptiva y se evaluó la calidad metodológica de los estudios revisados. El corpus de la revisión estuvo compuesto por 15 artículos publicados entre 2017 y 2024. La mayoría de los estudios revisados poseen una fuerte evidencia científica y un bajo riesgo de sesgo. Se encontró que las niñas y las víctimas de acoso escolar son más vulnerables al desarrollo de cuadros de ansiedad. Los estudiantes que son testigos de comportamientos agresivos en la escuela también se ven afectados y tienen un riesgo potencial de desarrollar síntomas de ansiedad. La contribución original del estudio radica en la particularización del tema de la ansiedad en relación con el acoso escolar, presentando aspectos que podrán ser utilizados en programas de intervención dirigidos a la salud mental de los estudiantes.

Palabras-clave: Ansiedad; Salud mental; Salud escolar; Salud del adolescente; Violencia; Acoso.

Introdução

A escola é um importante microsistema do desenvolvimento para crianças e adolescentes (Oliveira et al., 2020). É nesse contexto que ocorrem interações sociais mais intensas com a diversidade de pensamento e expressão da subjetividade, aspecto que favorece o processo de socialização. Também é um espaço para a formação, a apreensão de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades. Contudo, a escola e suas funções podem assumir um significado contraditório na medida em que o clima ou as demandas escolares ou a dimensão social se convertem em gatilhos para o desenvolvimento de quadros de ansiedade e outros adoecimentos psicológicos. Segundo a literatura científica, situações vividas na escola como realizar leituras em sala de aula, escrever na lousa, avaliações, realizar apresentações e interagir com outras pessoas são fonte de ansiedade na adolescência (Oliveira, 2022).

No campo individual, observa-se que o próprio momento da adolescência e suas características podem suscitar o desenvolvimento de sintomas ansiogênicos. Mudanças corporais e psicossociais, maior envolvimento com o grupo de pares e dedicação à formação da identidade, por exemplo, são vivências que podem aumentar os índices de ansiedade nesse momento do desenvolvimento humano. Estudos revelam índices de ansiedade e outros problemas de saúde na adolescência, contudo sem buscar explicar ou encontrar razões para o desenvolvimento dos sintomas e mesmo quadros mais graves de adoecimento (Oliveira, 2022).

Por outro lado, quando percebemos que a dimensão social é importante para os adolescentes, vivências ou ocorrências de fenômenos como *bullying*, que afetam o clima escolar, conseqüentemente podem ser fonte ou explicar quadros de ansiedade. O *bullying* é um tipo de violência que pode se manifestar de diferentes formas (agressões físicas, agressões verbais, exclusão, por exemplo) e se caracteriza pelo atendimento de três critérios que o definem: intencionalidade, repetibilidade e desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores (Oliveira et al., 2020). Os estudos sobre esse fenômeno se iniciaram no final da década de 1960 na Suécia e, posteriormente, na Noruega. Dan Olweus foi um importante pesquisador do fenômeno, sendo considerado o pioneiro na sua conceituação, identificação por meio de instrumento clássico e indicação de medidas de prevenção (Oliveira, 2022). Desde o início se percebeu a gravidade desse tipo de comportamento para todas as pessoas inseridas no contexto escolar. Especificamente, o fenômeno afeta o desenvolvimento comportamental e a saúde mental dos estudantes.

Assim sendo, percebe-se que a associação entre *bullying* ou vitimização, ou testemunho dessas situações e saúde mental é uma das ligações mais bem estabelecidas e reproduzidas na literatura sobre a temática (Oliveira, 2022; Silva et al., 2018; Vieira et al., 2020). Verifica-se que as questões de sofrimento mental mais associadas ao

fenômeno são depressão, baixa autoestima e ideação e tentativas de suicídio (Vieira et al., 2020). Sentir-se solitário, não ter amigos, apresentar quadros de insônia e usar com alta frequência drogas foram alguns dos problemas de saúde mental identificados entre 109.104 adolescentes brasileiros que participaram da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar em sua edição de 2012 (Silva et al., 2018). A ansiedade também aparece em estudos relacionados ao envolvimento em situações de *bullying* (Jadambaa et al., 2020; Oliveira et al., 2022).

Contudo, verifica-se que, mesmo com vasta produção científica sobre a relação entre *bullying* e questões de saúde mental, é essencial particularizar a análise de casos clinicamente complexos como ansiedade, que têm o potencial de se agravar na ausência de intervenções específicas e adequadas. Dessa forma, esse estudo objetivou verificar a relação entre o envolvimento de adolescentes em situações de *bullying* e ansiedade.

Método

Tipo de revisão

Trata-se de um estudo de revisão de literatura do tipo integrativa. Esse tipo de estudo se caracteriza pela reunião e descrição de textos com o objetivo de mapear a produção científica sobre determinado tópico ou tema de interesse. Os passos aplicados nessa revisão foram: elaboração da questão norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados; apresentação da revisão integrativa (Souza et al., 2010).

Questão norteadora

Para construir a pergunta que norteou o processo de revisão foi aplicada a estratégia PICo, sendo um acrônimo para população (P), fenômeno de interesse (I) e contexto (Co) (Lockwood et al., 2020). Assim, a questão norteadora foi: Qual a relação entre o envolvimento em situações de *bullying* escolar e ansiedade na adolescência?

Estratégias de busca, critérios de inclusão e exclusão

Foram consultadas as seguintes bases de dados: Web of Science (WOS); Scopus; LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia). Utilizaram-se unitermos para executar as buscas nas fontes consultadas. Além disso, a estratégia de busca adotada privilegiou as palavras contidas nos títulos e resumos. Para privilegiar as evidências mais atuais foi definido um recorte temporal (2017-2024) e as buscas ocorreram em dois momentos, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1*Unitermos utilizados nas buscas, data de consulta e número de registros identificados por fonte*

Busca inicial (período compreendido 2017-2021)			
Base de dados	Cruzamentos	Data da busca	N
WOS	academic anxiety OR anxiety AND <i>bullying</i>	06/09/2022	33
Scopus			04
LILACS	ansiedade acadêmica OR ansiedade AND <i>bullying</i>		02
PePSIC			02
Atualização da busca (período compreendido 2022-junho 2024)			
WOS	academic anxiety OR anxiety AND <i>bullying</i>	04/07/2024	13
Scopus			43
LILACS	ansiedade acadêmica OR ansiedade AND <i>bullying</i>		21
PePSIC			00

Nota. N = Número de produtos identificados. Observa-se que a biblioteca PePSIC interrompeu suas atividades de publicação em 2022, por isso a busca nessa fonte não retornou nenhum resultado. Em 2024 também ocorreu uma desativação da interface de busca avançada da base de dados LILACS, simplificando o processo de busca, e isso pode ter impactado no processo de atualização realizado neste estudo.

Foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: texto do tipo artigos científicos; apenas estudos primários; publicações em português, inglês ou espanhol; estudos envolvendo adolescentes. Os critérios de exclusão foram: textos como editoriais, cartas ao editor e comentários; revisões de literatura e estudos secundários; estudos com crianças, adultos jovens, adultos ou idosos; pesquisas sobre *bullying* em outros contextos (trabalho, por exemplo).

Coleta e análise de dados

Os dados foram coletados em dois momentos (conforme apresentado na Tabela 1). Para extração dos dados se utilizou um quadro sinóptico que reuniu as principais informações dos estudos (autores, ano de publicação, objetivos, aspectos metodológicos, principais resultados). Seguindo os pressupostos da revisão integrativa da literatura, os dados foram analisados de forma descritiva e com o objetivo de integrar consensos ou apontar para contradições nos estudos revisados.

Análise crítica dos estudos incluídos

Esta fase objetivou avaliar o rigor metodológico e as principais características de cada estudo revisado. Nessa revisão foi utilizada uma adaptação do *Critical Appraisal Skills Programme* (CASP) e dos itens de avaliação indicados pela *Cochrane Collaboration*.

O CASP permitiu avaliar os estudos no que se refere à qualidade, rigor, credibilidade e relevância metodológica. O instrumento é composto por 10 dimensões: 1) explicitação dos objetivos; 2) adequação do desenho metodológico aos objetivos; 3) apresentação, justificativa e discussão dos procedimentos metodológicos; 4) explicitação do processo de seleção e definição de amostra; 5) detalhamento dos procedimentos de coleta de dados; 6) considerações sobre a relação entre pesquisador e pesquisados; 7) questões éticas mencionadas; 8) detalhamento do processo de análise dos dados; 9) resultados apresentados e discutidos; 10) descrição das contribuições, limitações e implicações do estudo. Após aplicação desses itens cada artigo é classificado em 3 categorias: A = baixo risco de viés – atendimento de pelo menos nove dimensões; B = risco de viés moderado – atendimento de pelo menos cinco dimensões; C = alto risco de viés – atendimento de menos de cinco dimensões.

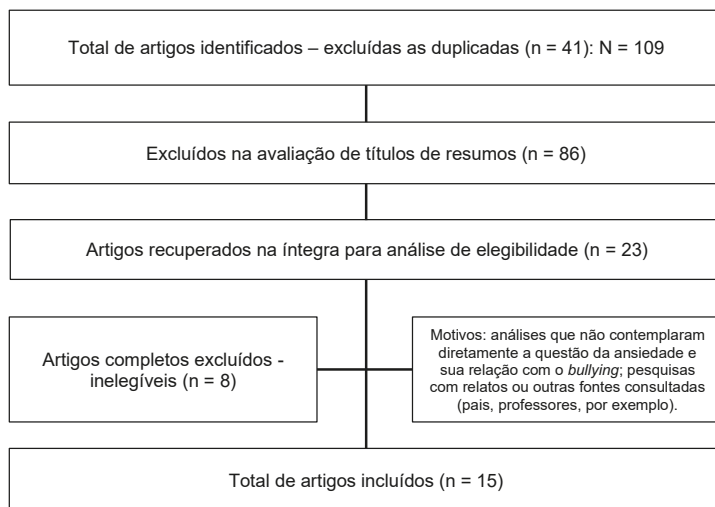
Os itens de avaliação indicados pela *Cochrane Collaboration* contemplaram as seguintes dimensões avaliativas: 1) definição de desfecho; 2) presença de justificativas para o tamanho e/ou definição da amostra; 3) ausência de viés de seleção (afereção de amostras, previsão de perdas e/ou randomização); 4) coleta de dados definida de forma clara (instrumentos e procedimentos adotados); 5) procedimentos de análise (adequados aos objetivos/testes estatísticos apropriados); 6) principais achados relacionados à relação entre *bullying* e ansiedade; 7) apresentação das contribuições do estudo e suas limitações; 8) conclusões compatíveis com os resultados. Cada uma dessas questões foi respondida com “sim” ou “não”. A cada artigo é atribuída uma pontuação variando de 0 a 8, sendo considerados de alta qualidade os que obtêm 7 ou 8 pontos, de moderada qualidade os que obtêm nota entre 4 a 6 e de baixa qualidade os que têm nota inferior a 4 pontos.

Resultados

O processo de busca nas bases de dados resultou em um total de 109 artigos e 15 artigos compõem o corpus desta revisão. Na primeira etapa de seleção, baseada na avaliação de títulos e resumos, os artigos excluídos não atendiam aos critérios de inclusão e exclusão apresentados (foco em situações de *bullying* no trabalho ou na universidade; análises das experiências de estudantes autistas; percepção de adultos sobre a vivência de *bullying* de estudantes com quadros de ansiedade; *bullying* entre irmãos). Em seguida, na análise dos textos completos, os artigos excluídos não permitiram responder à questão de pesquisa. Na Figura 1 é apresentado o fluxograma do processo.

Figura 1

Fluxograma dos passos metodológicos para a construção do corpus revisado



Quatorze artigos estavam publicados em inglês e um em espanhol. Há uma diversidade de locais de origem dos estudos (11 países de três continentes): Canadá; China; Coreia do Sul; Espanha; Estados Unidos da América; Finlândia, Portugal; Reino Unido; Suécia; Turquia e Vietnam. O número de participantes dos estudos variou entre 130 e 57.059. Para verificar a ocorrência do *bullying*, o *Olweus bullying questionnaire* foi utilizado por quatro estudos (Lee & Shin, 2021; Li et al., 2023; Midgett & Doumas, 2019; Turunen et al., 2024) e um utilizou um instrumento nele baseado (Coelho & Romão, 2018). Os demais estudos utilizaram instrumentos estruturados específicos, vinhetas ou a estratégia de nomeação por pares.

Para avaliar os níveis de ansiedade dos participantes três estudos recorreram à *Revised Children's Anxiety and Depression Scale* (Jungert & Perrin, 2019; Jungert, et al., 2021; Lee & Shin, 2021) e dois estudos utilizaram versões do *Self Report of Personality-Adolescent Form* (Lee & Vaillancourt, 2019; Midgett & Doumas, 2019). Outros instrumentos utilizados foram: *Anxiety outcome: CIS-R* (Jones et al., 2017); *DASS-21 scale* (Tran et al., 2023); *Generalized Anxiety Disorder scale* (Li et al., 2023; Patte et al., 2021); *Sistema de Evaluación de Niños y Adolescentes* (Marcos et al., 2024); *Social Anxiety* (Wu et al., 2021); *Social Anxiety Scale for Adolescents* (Turunen et al., 2024); *Social Withdrawal and Social Anxiety* (Coelho & Romão, 2018); *Cuestionario educativo-clínico: ansiedad y depresión* (Gómez-León, 2021); *Test Anxiety Scale (TAS)* (Chen et al., 2023).

No geral, verificou-se que a vitimização foi associada positivamente à ansiedade. Isso significa que estudantes que foram vítimas de *bullying* apresentavam níveis mais altos de ansiedade em comparação com aqueles que não sofriam esse tipo de violência. Durante a pandemia, segundo um dos estudos revisados, os níveis de ansiedade entre as vítimas diminuíram. Os principais resultados sobre o envolvimento dos estudantes com *bullying* e a relação desse fenômeno com a ansiedade estão sintetizados na Tabela 2.

Tabela 2
Caracterização dos estudos revisados, dados de bullying e fatores de ansiedade relacionados

REFERÊNCIAS	PAÍS(ES), AMOSTRA, IDADE/SÉRIE OU ANO ESCOLAR	DADOS DE BULLYING	FATORES RELACIONADOS
Chen et al., 2023	China, 7.047 participantes, idades entre 10 e 19 anos/ ensino fundamental e médio	A vitimização na escola foi referida por 5,3% da amostra e 4,7% referiu ser vítima de <i>cyber-bullying</i> .	Adolescentes que sofriam <i>bullying</i> tinham 1,6 vezes mais chances de apresentar ansiedade em situações de testes escolares em comparação com estudantes não vitimizados.
Coelho & Romão, 2018	Portugal, 668 participantes, idades entre 11 e 16 anos/ ensino médio	O <i>bullying</i> tradicional foi mais evidenciado tanto no que se refere à prática quanto ao ser vitimizado. Os rapazes foram identificados como mais agressores (8%).	As raparigas relataram significativamente mais ansiedade social quando comparadas com os rapazes. Vítimas de <i>bullying</i> referiram mais ansiedade social em comparação com os estudantes não envolvidos em situações de <i>bullying</i> . Género e vitimização foram preditores significativos para a ansiedade social.
Gómez-León, 2021	Espanha, 276 participantes, idades entre 12 e 14 anos/ ensino fundamental	94 estudantes (34%) foram identificados como vítimas de <i>bullying</i> .	Os resultados mostram que a vitimização está positivamente relacionada à ansiedade e depressão. Durante a situação de confinamento na pandemia da COVID-19 os níveis de ansiedade e depressão dos estudantes identificados como vítimas diminuíram.

REFERÊNCIAS	PAÍS(ES), AMOSTRA, IDADE/SÉRIE OU ANO ESCOLAR	DADOS DE BULLYING	FATORES RELACIONADOS
Jones et al., 2017	Reino Unido, 4.564 participantes, <i>bullying</i> relatado entre 12 e 16 anos/NI	Adolescentes não heterossexuais relataram mais experiências de <i>bullying</i> quando comparados com adolescentes hete-rossexuais.	A não heterossexualidade aos 15,5 anos foi significativamente associada à presença de um diagnóstico de transtorno de ansiedade aos 17,5 anos. Raparigas e rapazes que sofreram <i>bullying</i> entre 12 e 16 anos tiveram maior chance de diagnóstico de transtorno de ansiedade aos 17,5 anos.
Jungert & Perrin, 2019	Suécia, 202 participantes, média de idade 16,44 anos/ ensino médio	Foco na motivação intrínseca ou extrínseca dos estudantes em defender ou não as vítimas de <i>bullying</i> .	Raparigas e estudantes com experiências de vitimização apresentaram maiores níveis de ansiedade quando comparados com rapazes e estudantes não vítimas.
Jungert et al., 2021	Turquia, 388 participantes, idades entre 11 e 14 anos/ ensino médio	Vitimização por <i>bullying</i> ou cyberbullying. Testemunho dessas situações e processos de identificação com vítima ou agressor.	O <i>bullying</i> tradicional foi associado a níveis mais elevados de ansiedade. Estudantes que testemunharam situações de <i>bullying</i> relataram maior nível de ansiedade.
Lee & Shin, 2021	Coreia do Sul, 609 participantes, NI/ensino médio	Os rapazes relataram um nível mais alto de prática de <i>bullying</i>	Não se verificou associação direta entre ansiedade e perpetração do <i>bullying</i> .
Lee & Vaillancourt, 2019	Canadá, 657 participantes, idades entre 10 e 14 anos/NI	As raparigas relataram mais casos de vitimização em todos os momentos do estudo. Não houve diferenças significativas de sexo na prática de <i>bullying</i> .	Sintomas de ansiedade foram identificados como fortes preditores para vitimização e perpetração do <i>bullying</i> .
Li et al., 2023	China, 1.686 participantes, média de idade aproximada de 13 anos/ensino fundamental	O estudo longitudinal com coleta de dados em três ondas (2019, 2021 e 2022) verificou que 27,0% (2019), 14,9% (2021) e 13,2% (2022) dos participantes sofreram <i>bullying</i> .	A ansiedade foi o fator mais influente e central na rede de variáveis associadas à vitimização por <i>bullying</i> .

REFERÊNCIAS	PAÍS(ES), AMOSTRA, IDADE/SÉRIE OU ANO ESCOLAR	DADOS DE BULLYING	FATORES RELACIONADOS
Marcos et al., 2024	Espanha, 561 participantes, idades entre 14 e 16 anos/ ensino médio	A prevalência de vitimização por <i>bullying</i> foi de 29,4%.	As vítimas de <i>bullying</i> apresentaram 32.2% mais sintomas de ansiedade generalizada e 18.7% mais sintomas de ansiedade social.
Midgett & Doumas, 2019	Estados Unidos da América, 130 participantes, idades entre 11 e 15 anos/ ensino médio	60,5% dos participantes relataram ter testemunhado <i>bullying</i> nos últimos 30 dias anteriores à coleta de dados. Desse grupo, 48,1% também relataram ser vítimas e 16,9% (n=13) relataram também ter praticado <i>bullying</i> .	Níveis mais altos de ansiedade foram associados exclusivamente com ser um observador das situações de <i>bullying</i> .
Patte et al., 2021	Canadá, 57.059 participantes, idades entre 13 e 18 anos/ ensino médio	Raparigas e rapazes referiram ser vítimas de <i>bullying</i> na mesma medida (20,3% e 20,2%, respetivamente).	Estudantes (rapazes e raparigas) que não experimentaram a vitimização apresentaram menor risco de ansiedade quando comparados com rapazes que sofreram <i>bullying</i> nos últimos 30 dias.
Tran et al., 2023	Vietnam, 309 participantes, idades entre 12 e 17 anos/ ensino fundamental e médio	5,5% da amostra relatou sofrer <i>bullying</i> . Os estudantes do ensino fundamental estavam mais envolvidos nesse tipo de situação.	Sofrer <i>bullying</i> é um forte preditor (5,33 razões de chance) para quadros de ansiedade.
Turunen et al., 2024	Finlândia, 10.689 participantes, média de idade 14,7 anos/ ensino fundamental	A taxa global de prática de <i>bullying</i> foi de 26,1%.	A análise revelou que estudantes que praticavam <i>bullying</i> apresentavam níveis mais altos de ansiedade em comparação com aqueles que não o praticavam.
Wu et al., 2021	China, 4.790 participantes, idades entre 14 e 20 anos/ ensino médio	O índice médio de vitimização por <i>bullying</i> foi de 0,34. O gênero dos participantes estava negativamente associado à vitimização por <i>bullying</i> .	A vitimização foi significativa e positivamente associada à ansiedade social.

Nota. NI = Não informado. Para definição da série ou ano escolar se utilizou a nomenclatura adotada no estudo.

Destaca-se que um dos estudos revisados foi desenvolvido durante a pandemia da COVID-19 e analisou dados pré e pós-confinamento na Espanha (Gómez-León, 2021) e outro dois analisaram dados longitudinais de uma ampla amostra (Jones et al., 2017; Li et al., 2023). Verificou-se que a vitimização por *bullying* pode desencadear sintomas de ansiedade, ao mesmo tempo em que ser observador desse tipo de situação também pode ser um fator ansiogênico. No que se refere ao gênero, as raparigas são mais vulneráveis para o desenvolvimento de quadros de ansiedade.

Na avaliação da qualidade metodológica dos artigos, verificou-se que todos possuem níveis de evidência confiáveis. Os dados dessa avaliação estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Síntese da avaliação de qualidade metodológica do corpus revisado

Referências	Nível de qualidade (CASP)		Qualidade metodológica		
	A	B	Alta	Mod.	Baixa
Chen et al., 2023	X		X		
Coelho & Romão, 2018		X		X	
Gómez-León, 2021		X		X	
Jones et al., 2017	X		X		
Jungert & Perrin, 2019	X		X		
Jungert et al., 2021	X		X		
Lee & Shin, 2021	X		X		
Lee & Vaillancourt, 2019	X		X		
Li et al., 2023	X		X		
Marcos et al., 2024		X		X	
Midgett & Doumas, 2019	X		X		
Patte et al., 2021		X		X	
Tran et al., 2023	X		X		
Turunen et al., 2024	X		X		
Wu et al., 2021		X		X	

Notas. Nível A = estudos avaliados com baixo risco de viés; Nível B = estudos avaliados com risco de viés moderado. Mod. = Moderada

Na avaliação com o instrumento CASP, 10 estudos foram classificados como de nível A, o que reflete a exigência dos editores e pareceristas para publicação segundo os critérios de qualidade internacionalmente definidos. O mesmo ocorre na avaliação do risco de viés segundo os itens de avaliação de qualidade metodológica, formulados a partir das orientações da *Cochrane Collaboration*. Os estudos avaliados como de

nível B ou de qualidade moderada apresentaram fragilidades no que se refere, principalmente, ao exame crítico do pesquisador sobre sua atuação (potencial de viés), à falta de informações sobre os procedimentos teórico-metodológicos ou explicitação dos critérios de seleção (inclusão e exclusão) da amostra.

Discussão

Esse estudo objetivou verificar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, a relação entre o envolvimento de adolescentes em situações de *bullying* e ansiedade. Verificou-se que os rapazes referem mais prática de *bullying*, enquanto as raparigas mais vitimização. Taxas significativas de vitimização foram reveladas, assim como índices altos de testemunho das situações de *bullying*. As raparigas e os estudantes identificados como vítimas são mais propensos a desenvolver quadros ou sintomas de ansiedade. Estudantes que testemunharam situações de *bullying* também relataram maior nível de ansiedade. Os estudos possuem bons indicadores metodológicos (amostras representativas e instrumentos para coleta de dados adequados, por exemplo) e a avaliação da qualidade metodológica revelou níveis de evidência altos e moderados.

Em geral, estudos sobre *bullying* revelam que são pequenas as diferenças entre rapazes e raparigas no envolvimento em situações de *bullying*. Contudo, sabe-se que as raparigas são as que mais referem ser vítimas ao passo que os rapazes são mais identificados como agressores. Essas diferenças podem ser explicadas por meio de questões sociais que esperam das raparigas posições mais passivas nas interações sociais, além disso entre as raparigas os tipos de violência são mais sutis e de difícil identificação – exclusão social, disseminação de fofocas, por exemplo (Silva et al., 2013). Os rapazes, por seu turno, são mais estimulados a adotarem comportamentos agressivos para resolver questões e conflitos, aspectos que são mais relacionados aos perpetradores.

Por outro lado, o número de vítimas de *bullying* permanece constante e alto, o que pode ser reflexo da ineficácia das estratégias de intervenção adotadas pelas escolas ou mesmo de processos de negligência. No Brasil, uma análise de três edições da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar verificou que o relato de sofrer *bullying* aumentou de 5,4% em 2009, para 7,2% em 2012 e para 7,4% em 2015 (Silva et al., 2018). Outros estudos de diferentes áreas também verificaram, em nível regional/local, taxas altas de ocorrência do fenômeno nas escolas. Vale destacar que no Brasil, desde 2015, a Lei 13.085 pressupõe que as escolas devem propor e implementar medidas de combate à violência sistemática.

Na adolescência as raparigas são, reconhecidamente, mais vulneráveis para quadros de ansiedade. A literatura especializada já verificou que as mulheres apresentaram maior prevalência de ansiedade quando comparadas aos homens (Oliveira, 2022).

Hipotetiza-se que essa maior vulnerabilidade possa também estar associada a fatores socioemocionais e culturais que afetam de maneira diferenciada os gêneros. Estudos futuros poderiam investigar como diferentes formas de *bullying* impactam na saúde mental de raparigas e rapazes de maneira distinta. Além disso, é essencial explorar como os mecanismos de enfrentamento e o suporte social variam entre os gêneros e influenciam a relação entre vitimização por *bullying* e ansiedade, por exemplo. Pesquisas longitudinais também poderiam ajudar a entender melhor como a experiência de *bullying* na adolescência pode levar a problemas de ansiedade na vida adulta, diferenciando os impactos de acordo com o gênero.

A vitimização também é um forte preditor para o desenvolvimento de problemas comportamentais, afetivos, bem como problemas psicológicos. Uma revisão sistemática verificou a associação longitudinal entre a vitimização por *bullying* e o registro de transtornos de ansiedade e depressão na população australiana (Jadambaa et al., 2020). Os autores identificaram que, especificamente, 7,8% dos índices de transtornos de ansiedade poderiam ser atribuídos à vitimização por *bullying* naquele país. Ao mesmo tempo, observar ou testemunhar situações de *bullying*, embora avaliado como inofensivo pelo senso comum, é algo que pode desencadear problemas emocionais, inclusive ansiedade (Romualdo et al., 2019).

Os índices de ansiedade identificados no estudo em tela podem ser ainda mais problemáticos na medida em que se compreende que uma das formas de lidar com o problema é adotar comportamentos evitativos. Esse tipo de comportamento impede a construção de laços de amizade com os colegas, o que dificulta ainda mais o rompimento com as situações de vitimização. O grupo de pares é importante para os adolescentes. Aceitação, sentimento de pertencimento, relações amorosas/afetivas e amizade são experiências significativas para o desenvolvimento da autonomia relativa e a construção da identidade. Assim, a vivência do *bullying* na escola e o conseqüente desencadear de quadros de ansiedade, pode reforçar a ideia de que as relações interpessoais não são seguras, o outro não é confiável e isso afeta todo o desenvolvimento dos adolescentes. Estratégias de intervenção *antibullying* devem considerar esse aspecto.

Também vale comentar nessa discussão o estudo desenvolvido durante a pandemia da COVID-19. No artigo, assinalou-se que durante a situação de confinamento, medida não farmacológica para o controle do contágio pelo novo coronavírus, comparando dados de antes e depois, os níveis de ansiedade e depressão dos estudantes identificados como vítimas diminuíram (Gómez-León, 2021). Esse dado é coerente com a preceptiva de que o contexto ansiogênico foi retirado e que estar em casa poderia ser mais seguro para as vítimas. Contudo, conclusões nessa direção devem ser cautelosas, pois se pode compreender que uma medida de controle ou combate do *bullying* seria deixar de frequentar a escola. Essa não deve ser uma opção para vítimas ou qualquer estudante envolvido em situações de *bullying*.

Refletindo sobre as estratégias de intervenção nas escolas, destaca-se que os estudos revisados apresentaram alto ou moderado rigor metodológico, com claras evidências sobre a relação entre *bullying* e ansiedade. Assim, o processo analítico dos artigos permite incluir nesta revisão algumas implicações práticas. Nesse sentido, intervenções devem considerar aspectos da saúde mental dos estudantes e incluir estratégias para lidar com a ansiedade que o envolvimento com o fenômeno pode desencadear. Técnicas de relaxamento, *mindfulness* (estado de atenção e consciência plena do momento presente) e para o controle de emoções negativas podem ser associadas a intervenções específicas *antibullying*.

Considerações finais

Esse estudo de revisão da literatura revelou que raparigas, vítimas e observadores de situações de *bullying* podem apresentar mais índices de quadros ou sintomas de ansiedade. A sua contribuição original reside na particularização da ansiedade e sua relação com o fenômeno vivido por adolescentes no contexto escolar. Construiu-se uma narrativa convincente que pode fornecer *insights* para pesquisas futuras que busquem entender melhor o *bullying* e sugerir meios eficazes de enfrentá-lo considerando aspectos de saúde mental.

Contudo, embora se reconheça esses pontos fortes da revisão apresentada, é preciso assinalar pelo menos as três principais limitações do estudo. Primeiramente, o foco desta revisão recaiu na questão da ansiedade, mas se sabe que outras consequências para a saúde mental se associam ao *bullying* e à própria ansiedade. Outros estudos qualitativos ou quantitativos podem ampliar essa análise buscando integrar dados sobre problemas gerais de saúde mental associados ao *bullying*. Em segundo lugar, relacionada a essa primeira limitação, no processo de busca se percebeu que a variável ansiedade era avaliada e correlacionada a outros fenômenos, não apenas ao *bullying*. Muitas vezes a ansiedade era secundária, o que não permitiu a inclusão de mais estudos na revisão. Por fim, os diferentes instrumentos utilizados nos artigos revisados para coletar dados, bem como o baixo número de estudos incluídos na revisão, impedem conclusões de causa e efeito sobre as variáveis em análise.

Agradecimento

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, pela concessão de bolsas de produtividade em pesquisa para os autores Wanderlei Abadio de Oliveira, André Luiz Monezi Andrade, Manoel Antônio dos Santos e Marta Angélica Iossi Silva.

Referências

- Chen, C., Liu, P., Wu, F., Wang, H., Chen, S., Zhang, Y., Huang, W., Wang, Y., & Chen, Q. (2023). Factors associated with test anxiety among adolescents in Shenzhen, China. *Journal of affective disorders*, 323, 123-130. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.11.048>
- Coelho, V. A., & Romão A. M. (2018). The relation between social anxiety, social withdrawal and (cyber) bullying roles: A multilevel analysis. *Computers in Human Behavior*, 86, 218-226. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.04.048>
- Gómez-León, M. I. (2021). Disminución de la ansiedad en las víctimas del bullying durante el confinamiento por el COVID-19. *Revista de Educación a Distancia*, 21(65). <https://doi.org/10.6018/red.439601>
- Jadambaa, A., Thomas, H. J., Scott, J. G., Graves, N., Brain, D., & Pacella, R. (2019). The contribution of bullying victimisation to the burden of anxiety and depressive disorders in Australia. *Epidemiology and psychiatric sciences*, 29, Article e54. <https://doi.org/10.1017/S2045796019000489>
- Jatobá, J. D'A., & Bastos, O. V. N. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(3), 171-179. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000300003>.
- Jones, A., Robinson, E., Oginni, O., Rahman, Q., & Rimes, K.A. (2017). Anxiety disorders, gender nonconformity, bullying and self-esteem in sexual minority adolescents: prospective birth cohort study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58, 1201-1209. <https://doi-org.ez67.periodicos.capes.gov.br/10.1111/jcpp.12757>
- Jungert, T., Karataş, P., Iotti, N. O., & Perrin, S. (2021). Direct bullying and cyberbullying: Experimental study of bystanders' motivation to defend victims and the role of anxiety and identification with the bully. *Frontiers in psychology*, 11, 616572. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.616572>
- Jungert, T., & Perrin, S. (2019). Trait anxiety and bystander motivation to defend victims of school bullying. *Journal of adolescence*, 77, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.10.001>
- Lee, D. H., & Shin, H. (2021). Parental bonding and adolescent bullying perpetration: Examining sequential indirect effects of anxiety and anger-in. *School Psychology International*, 42(3), 259-284. <https://doi.org/10.1177/0143034320988152>
- Lee, K. S., & Vaillancourt, T. (2019). A four-year prospective study of bullying, anxiety, and disordered eating behavior across early adolescence. *Child Psychiatry & Human Development*, 50, 815-825. <https://doi-org.ez67.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10578-019-00884-7>
- Li, Y., Kang, Y., Zhu, L., Yuan, M., Li, Y., Xu, B., Zhang, X., Wang, G., & Su, P. (2023). Longitudinal correlates of bullying victimization among Chinese early adolescents: A cross-lagged panel network analysis. *Journal of affective disorders*, 339, 203-210. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2023.07.006>
- Lockwood, C., Porrit, K., Munn, Z., Rittenmeyer, L., Salmond, S., Bjerrum, M., Loveday, H., Carrier, J., & Stannard, D. (2020). *Chapter 2: Systematic reviews of qualitative evidence*. In E. Aromataris & Z. Munn (Eds.), *JBI Manual for Evidence Synthesis* (pp. 23-71). <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-03>
- Marcos, V., Montes, Á., Cea, B., Seijo, D. (2024). Prevalence and quantifying the effects of bullying victimization in school-aged children in internalizing and externalizing mental health problems and

- academic failure. *Revista de Psicologia Clínica con Niños y Adolescentes*, 11(2), 66-72. <https://doi.org/10.21134/rpcna.2024.11.2.8>
- Midgett, A., & Dumas, D. M. (2019). Witnessing bullying at school: The association between being a bystander and anxiety and depressive symptoms. *School Mental Health*, 11, 454-463. <https://doi.org.ez67.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s12310-019-09312-6>
- Oliveira, W. A. (2022). Bullying in adolescence and anxiety: an integrative review. In L. R. V. Gonzaga, L. L. Dellazzana-Zanon, A. M. B. Silva (Eds.), *Handbook of stress and academic anxiety* (pp. 81–92). https://doi.org/10.1007/978-3-031-12737-3_6
- Oliveira, W. A, Silva, J. L., Fernandez, J. E. R., Santos, M. A., Caravita, S. C. S., & Silva, M. A. I. (2020). Family interactions and the involvement of adolescents in bullying situations from a bioecological perspective. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, Article e180094. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e180094>
- Patte, K.A., Livermore, M., Qian, W., & Leatherdale, S. T. (2021). Do weight perception and bullying victimization account for links between weight status and mental health among adolescents? *BMC Public Health*, 21, 1062. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11037-8>
- Romualdo, C., Oliveira, W. A., Silva, J. L., Jiménez, O. E. C., & Silva, M. A. I. (2019). Papeles, características y consecuencias del acoso escolar entre estudiantes observadores: una revisión integradora de la literatura. *Salud & Sociedad*, 10(1), 66-78. <https://doi.org/10.22199/S07187475.2019.0001.00005>
- Silva, M. A. I., Pereira, B., Mendonça, D., Nunes, B., Oliveira, W. A. (2013). The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 10(12), 6820-31. <https://dx.doi.org/10.3390%2Fijerph10126820>
- Silva, J. L., Mello, F. C. M., Oliveira, W. A., Prado, R. R., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2018). Bullying victimization among brazilian students: Results of The National Survey Of School Health (PENSE). *Texto & Contexto – Enfermagem*, 27(3), Article e0310017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000310017>.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.
- Tran, B. T., Nguyen, M. T., Nguyen, M. T., Nguyen, T. G., Duc, V. N. H., & Tran, T. T. M. (2023). Mental health and its determinants among adolescents living in families with separated or divorced parents in an urban area of Vietnam. *Osong public health and research perspectives*, 14(4), 300-311. <https://doi.org/10.24171/j.phrp.2023.0110>
- Turunen, T., Malamut, S. T., Yanagida, T., & Salmivalli, C. (2024). Heterogeneity of adolescent bullying perpetrators: subtypes based on victimization and peer status. *Journal of research on adolescence*, 34(3), 1018-1034. <https://doi.org/10.1111/jora.12986>
- Vieira, F. H. M., Alexandre, H. P., Campos, V. A., & Leite, M. T. S. (2020). Impactos do bullying na saúde mental do adolescente. *Ciência ET Praxis*, 13(25), 91–104. <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/4354>
- Wu, X., Qi, J., & Zhen, R. (2021). Bullying victimization and adolescents' social anxiety: roles of shame and self-esteem. *Child Indicators Research*, 14, 769-781. <https://doi.org/10.1007/s12187-020-09777-x>

Wanderlei Abadio de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil

Email: wanderleio@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3146-8197>

Claudio Romualdo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil

Email: claudio.romualdo42@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1611-3195>

André Luiz Monezi Andrade

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil

Email: andre.andrade@puc-campinas.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0111-8935>

Diene Monique Carlos

Universidade de São Paulo, Brasil

Email: diene_enf@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4950-7350>

Marta Angélica Iossi Silva

Universidade de São Paulo, Brasil

Email: maiossi@eerp.usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9967-8158>

Manoel Antônio dos Santos

Universidade de São Paulo, Brasil

Email: masantos@ffclrp.usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8214-7767>

Correspondência

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil

Rua Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516

Data de submissão: julho 2024

Data de avaliação: agosto 2024

Data de publicação: dezembro 2024